



## A FOLKSONOMIA COMO MODELO EMERGENTE DA REPRESENTAÇÃO E ORGANIZAÇÃO DA INFORMAÇÃO

### *THE FOLKSONOMY AS A EMERGENT MODEL OF THE REPRESENTATION AND ORGANIZATION OF INFORMATION*

*Glessa Heryka Celestino de Santana*<sup>1</sup>

**Resumo:** Contextualiza a nova modalidade de representação da informação denominada folksonomia, a qual é utilizada na web, ambiente marcadamente caracterizado pela flexibilidade e dinamismo. Apresenta as Linguagens Documentárias (LD) como instrumentos convencionais para a representação da informação e faz uma comparação entre esse modelo tradicional, operado por especialistas por meio de linguagem controlada, e a folksonomia, a partir da qual usuários comuns atribuem livremente etiquetas em linguagem natural. Considera o uso da livre etiquetagem em face da hiper-segmentação do conhecimento no ambiente virtual.

**Palavras-chave:** Linguagens de indexação. Representação da Informação.

**Abstract:** Contextualizes the new approach of information representation called folksonomy, which is used in the web, a marked environment characterized by flexibility and dynamism. Presents the documentary languages as conventional instruments for the information representation and makes a comparison between the traditional model, operated by specialists using controlled language, and folksonomy, in which users freely assign common labels in natural language. Considers the use of free labeling in face of hyper-segmentation of knowledge in virtual environment.

**Key-words:** Indexing languages. Representation of Information.

<sup>1</sup> Programa de pós-graduação em Ciência da Informação da UFPE. Universidade Federal de Pernambuco - UFPE. Brasil. Brasil. E-mail: [glessah@hotmail.com](mailto:glessah@hotmail.com)

## INTRODUÇÃO

Em vista da intensidade das interações entre os usuários ocorridas a todo momento na rede mundial de computadores, em que são verificadas constantes transformações socioculturais devido à sua própria constituição, que se mostra bastante fluida, portanto, carregada de eventos que variam de acordo com a influência dos usuários que se conectam à ela, constata-se o surgimento de práticas inovadoras.

Essas novas ações podem ser presenciadas sob variadas facetas dentro da *world wide web*, quando se leva em consideração a produção de conteúdos em inúmeras áreas de conhecimento e campos de atuação. A folksonomia, nesse sentido, revela-se como um novo tipo de prática relacionada à representação e organização da informação, sendo utilizada em sistemas que permitem a livre descrição dos conteúdos por meio de *tags* (etiquetas) estabelecidas por qualquer pessoa que tenha acesso a essas informações.

A folksonomia, enquanto uma nova forma de representação da informação baseada nas possibilidades que a *web* oferece, apresenta determinadas especificidades quando se compara seu uso ao das linguagens documentárias, ferramentas tradicionais da representação da informação.

Este trabalho trata da característica institucionalizada que marca a construção das linguagens controladas e da natureza flexível e dinâmica dos sistemas que envolvem a folksonomia, destacando o papel dos especialistas, no caso das linguagens documentárias, e a intervenção de usuários comuns, no que tange à etiquetagem.

## 2 REPRESENTAÇÃO TRADICIONAL DA INFORMAÇÃO

As atividades que os indivíduos desempenham no seu trato diário com os grupos sociais dos quais fazem parte necessitam de um ordenamento lógico para que possam ser realizadas sem que haja maiores impedimentos. Em função da existência de variados tipos de perfis humanos, as maneiras de dar ordem às coisas se distinguem entre si, ainda que se destinem ao mesmo propósito, qual seja, o de facilitar o desenvolvimento do raciocínio e das funções a serem cumpridas cotidianamente.

A sistematização das ideias e das práticas com a finalidade de pôr em andamento as exigências cotidianas de ação e, não menos importante, de reflexão,

desde sempre se mostrou um processo natural e inerente a todas as pessoas, de modo que se torna difícil conceber as sociedades na sua ausência. À parte esse aspecto de sistematizar involuntariamente as coisas em seu entorno, momentos históricos impeliram o homem a propor instrumentos capazes de promover uma sistematização suficientemente acurada, desenvolvendo, dessa maneira, mecanismos de organização com objetivos especiais.

Estabelecer metodologias para a organização da informação foi se mostrando uma necessidade premente, em especial a partir do momento em que a produção da informação científica passou a aumentar de forma expressiva, em função de uma demanda específica, a saber, os esforços da segunda grande guerra, que teve lugar em meados do século XX. Nela, o estímulo à produção de artigos científicos ocupou posição de destaque, destinando-se a obter vantagem competitiva em relação às forças inimigas.

Mediante a grande e cada vez mais crescente quantidade de informação que se acumulava, profissionais envolvidos no contexto bélico perceberam que era fundamental organizar os documentos produzidos para, a partir daí, ser possível extrair a informações neles disponíveis. Nesse sentido, utilizaram-se as LD como meios para a consecução de tal propósito.

O uso das LD não se restringiu ao contexto histórico da guerra e ao tratamento dos documentos como maneira de fazer frente aos adversários, bem ao contrário, recorre-se a elas ainda hoje, no momento em que é preciso representar e, em consequência, organizar a informação, em uma abordagem sistêmica, para fins de ulterior recuperação.

As LD podem ser consideradas parte da representação tradicional da informação. Esse tipo de representação é ancorado em teorias, como a do conceito, a da classificação facetada e a da teoria geral da terminologia, as quais oferecem subsídios teóricos para se proceder à classificação, observando-se as relações conceituais. Desse modo, tradicionalmente, essa representação se dá mediante a sistematização de conceitos, em uma estrutura constituída de relações predominantemente hierárquicas, as quais lançam mão de mecanismos lógicos a fim de que haja interação e coerência nessas relações.

Segundo Cintra *et al.* (2002, p. 33), as linguagens documentárias “são, pois, construídas para indexação, armazenamento e recuperação da informação e correspondem a sistemas de símbolos destinados a ‘traduzir’ os conteúdos dos documentos”. Como instrumentos voltados para o tratamento temático e descritivo da informação, baseados em códigos, normas, linguagens e padrões próprios, as LD são convenções, no sentido de que se configuram linguagens artificiais, opondo-se às linguagens naturais, porém sem estarem completamente isentas destas, por se fundamentarem nelas.

A respeito do ato de classificar respaldado em LD, Bräscher e Carlan (2009) entendem que

o processo de classificação é uma formação metodológica e sistemática onde se estabelecem critérios para a divisão, isto é, a formulação de um esquema de categorias, classes e subclasses baseado nas características e relações dos objetos considerados. É, também, um sistema logicamente estruturado onde os conceitos predeterminados correspondem a um código identificador.

Ao utilizar esses instrumentos metodológicos, os profissionais que realizam a indexação de documentos tornam-se aptos a representá-los de uma maneira reduzida, estabelecendo palavras-chave ou descritores que se constituem pontos de acesso a partir dos quais o usuário pode recuperar a informação buscada. Nesse sentido, a indexação oferece alguns caminhos referentes a um mesmo documento, por meio da redução à qual a informação foi submetida quando do processo de representação.

Como metalinguagens, portanto sistemas construídos para determinada finalidade, nesse caso, a de permitir uma representação em que os conceitos se relacionem uns com os outros, na expectativa de que esta se aproxime das necessidades de seu público-alvo, as LD – por exemplo, os tesauros e os sistemas de classificação (CDD, CDU etc.) – são formuladas por especialistas, que levam em consideração conhecimentos de várias áreas.

Nesse processo, destaca-se o controle como elemento fundamental, em que procedimentos metódicos e instrumentos metodológicos são aplicados para a obtenção da objetividade, em detrimento da subjetividade inerente ao conhecimento

que o homem vem produzindo na história. Kobashi (1996, p. 65-66) trata desse aspecto quando diz:

Tendo em vista o grau de redução a que se deve submeter um texto, para fins de indexação, é conveniente que o processo seja controlado com procedimentos metódicos. As noções de tema e de estrutura temática oferecem à indexação os parâmetros que permitem controlar a subjetividade na interação leitor/texto.

O desenvolvimento de instrumentos, como os vocabulários controlados, está, portanto, inexoravelmente relacionado a atividades específicas que profissionais de diferentes campos – Ciência da Informação, Biblioteconomia, entre outros – praticam, as quais são consideradas parte de suas atribuições. Com vistas a se especializarem no estabelecimento das linguagens documentárias, cujo processo envolve a conformação de um sistema de convenções que possa subsidiar as relações conceituais presentes em domínios do conhecimento, tais profissionais vão em busca de se aprofundar nos estudos da linguagem, da lógica, da filosofia etc. e ainda do campo de conhecimento sob análise.

Além da contínua atualização nos estudos, os responsáveis pela construção e manutenção de tesouros e sistemas de classificação participam de cursos da área e de eventos – seminários, congressos etc. – onde se promove a discussão a respeito da produção acadêmica em voga. A literatura especializada fornece as bases para que a renovação dos conhecimentos pertinentes ao campo de atuação circule, na medida em que há a preocupação em se acompanhar as pesquisas dos estudiosos da área.

Tradicionalmente, o tratamento temático da informação se insere em um contexto no qual prevalecem práticas institucionalizadas, em razão de estarem submetidas a espaços onde se observa uma legitimação por parte de grupos sociais específicos, bem como da sociedade em geral. Ainda com relação ao tratamento da informação, Dias e Naves (2007, p. 17) expõem que

instrumentos importantes nesse trabalho, como os códigos de catalogação, os sistemas de classificação bibliográficas, listas de cabeçalho de assunto, os *thesauri* e as normas de documentação [...] são geralmente desenvolvidos e mantidos por organismos ou instituições muitas vezes criadas especialmente com essa finalidade.

Diante dessa afirmativa, entende-se que os especialistas no tratamento da informação se encontram vinculados necessariamente a instituições, como centros de informação e núcleos em universidades. Esse quadro demonstra o incentivo à *expertise* por parte dos organismos em questão, na forma de contratação de recursos humanos, com vistas à melhoria na qualidade da organização da informação, já que sua adequada recuperação às demandas do usuário de sistemas de informação mostra-se de fundamental importância para a tomada de decisão, como também para o incremento dos saberes.

Sobre a relação entre as necessidades de informação, as linguagens artificiais e as instituições, Dias e Naves (2007, p. 17) revelam:

O acesso à informação tem vários aspectos – financeiro, físico, intelectual, social, entre outros – todos eles representando, eventualmente, barreiras para o usuário, dependendo das circunstâncias. Por isso, surgiu a necessidade de se criarem meios, instrumentos que pudessem facilitar esse acesso. Entre as instituições que têm se revelado mais eficazes nesse sentido destacam-se as bibliotecas e os sistemas de recuperação de informação.

Uma gama expressiva de pensadores empenhados na reflexão a respeito da contemporaneidade, ao levar em consideração aspectos socioeconômicos e políticos, julga que está em curso uma Sociedade da Informação. Sob diferentes graus de intensidade e importância, através dos séculos, os homens tiveram de recorrer a informações a fim de prosseguirem com suas tarefas ordinárias e intelectuais.

Por esse viés, a Sociedade da Informação se assemelha aos momentos anteriores da história, porém apresenta uma maior exigência no que tange ao acesso à informação, posto que em todos os âmbitos sociais ela se faz necessária. No segmento científico, sua presença torna-se imprescindível:

“A informação é a seiva da ciência. Sem informação, a ciência não pode se desenvolver e viver. Sem informação a pesquisa seria inútil e não haveria conhecimento. Fluido precioso, continuamente produzido e renovado, a informação só interessa se circula, e, sobretudo, se circula livremente”.  
(LE COADIC, 2004, p. 26).

Dentre as características mais marcantes das LD, além do fato de serem constituídas em um ambiente institucionalizado e a partir da *expertise*, sobressai-se seu caráter hierarquizado e rígido, em que se procede ao controle da terminologia e das categorias inseridas nos domínios de conhecimento, isto é, procedimentos metódicos são realizados, com a finalidade de minimizar discrepâncias, polissemias, dentre outros problemas que podem surgir durante a representação e organização da informação.

Com o intuito de operacionalizar esses procedimentos, de maneira que a intenção de controlar determinados equívocos no tratamento da informação seja alcançada em sua máxima possibilidade, a indexação, como uma forma de representação, portanto de condensação dos conteúdos de documentos, utiliza-se de operações de análise e síntese, as quais têm como produto a tradução da linguagem natural para a linguagem documentária. Segundo Lima (2006, p. 104), a indexação

é o processo intelectual que envolve atividades cognitivas na compreensão do texto e a composição da representação do documento. [...] O processo de indexação se dá em três etapas: 1) análise do documento e estabelecimento do seu assunto, 2) identificação dos principais conceitos do documento, e 3) tradução destes conceitos em termos de uma linguagem de indexação.

Análise → Síntese → Tradução

No tratamento convencional da informação, a cadeia composta das fases de análise, síntese e tradução ampara-se em teorias e metodologias a partir das quais os especialistas responsáveis respaldam suas atividades objetivando maior acuidade na representação dos documentos, de modo que a recuperação das informações neles contidas satisfaça as necessidades de determinados usuários.

### **3 FOLKSONOMIA: REPRESENTAÇÃO COLABORATIVA DA INFORMAÇÃO**

As operações de analisar e sintetizar conteúdos visando representá-los estão igualmente presentes nas atividades que envolvem a folksonomia. Embora os usuários

dos sistemas que incluem a folksonomia desconhecem, em sua maioria, essa cadeia no sentido teórico-metodológico, desenvolvem cada uma das fases empírica e subjetivamente.

Atualizar continuamente as LD configura-se uma tarefa de difícil consecução quando se relaciona, em especial, à esfera dos conteúdos digitais, que denotam como uma de suas principais características o dinamismo. Tendo-se em mente esse aspecto, ressalta-se também o custo elevado que a constante manutenção desses instrumentos implica, em que pese a contratação de profissionais especializados.

Nesse processo, em que, se requer-se a *expertise* para fins de legitimação dos produtos gerados, reconhece-se a presença do sistema *top-down*. No âmbito da representação, associa-se o sistema *top-down* ao aspecto relativo à existência de um grupo seletivo capacitado, ao qual se solicita a elaboração de um conjunto de instrumentos (tesauros, listas de cabeçalho de assunto) a serem utilizados por um expressivo número de usuários (MOURA, 2009).

Dessa maneira, nesse modelo, a atuação de poucos indivíduos determina as atividades de uma parcela significativa de pessoas, em que estas devem se adaptar ao entendimento daqueles, uma vez que são reconhecidamente aptos. Esse sistema “de cima para baixo”, onde se visualiza a influência de um determinado segmento sobre outros, passa a coexistir com o sistema *bottom-up*, a partir do desenvolvimento da *web*, em especial, no seu segundo estágio.

A preocupação com o acesso à informação passa a tomar grande proporção quando há o surgimento da internet e, posteriormente, da *web*. As tecnologias digitais de informação e comunicação, a exemplo da internet, configuram-se um meio propício à construção, comunicação e uso de conteúdos informacionais (LE COADIC, 2004), daí sua conformação, cuja base é a informação.

Assim como, o pós-segunda guerra representou um marco no que diz respeito a um acréscimo considerável na produção de informação, especificamente a técnico-científica, a internet tem proporcionado um crescente e ininterrupto acúmulo de conteúdos digitais, devido às facilidades que vem acrescentando desde o seu surgimento. A denominada Sociedade da Informação faz parte da atual fase histórica e incorpora de tal maneira as novas tecnologias que se mostra improvável uma dissociação entre elas.

Por representar um meio em que os indivíduos estivessem habilitados a interagirem uns com os outros em larga escala, quase sem impedimentos, desde que munidos de computadores conectados à rede, a internet se transformou na principal forma de produzir e disseminar recursos informacionais.

Uma sociedade em rede (CASTELLS, 2001) liga seus membros entre si, cujos comportamentos influenciam e são influenciados pelas ações ocorridas no ciberespaço (LÉVY, 1999), local onde se dão as trocas eletrônicas, o qual é regido por uma cultura peculiar, a cibercultura. Castells (1999, p. 414) se reporta a essa questão, ao dizer:

“Como a cultura é mediada e determinada pela comunicação, as próprias culturas, isto é, nossos sistemas de crenças e códigos historicamente produzidos são transformados de maneira fundamental pelo novo sistema tecnológico e o serão ainda mais com o passar do tempo”.

Nela, as pessoas ensejam novos tipos de relações, passíveis de acontecerem devido a essa configuração, até então inexistente. Em função de os obstáculos espaço-temporais se desintegrarem, em uma desmaterialização das possibilidades comunicacionais, a tônica do ambiente virtual tem sido a conectividade. Estabelecida a noção de conectividade como ponto de destaque, senão principal, da “rede das redes”, tem-se lugar a presença dos hipertextos eletrônicos. Uma definição de hipertexto é indicada por Lima (2006, p. 100): “O hipertexto [...] é um documento eletrônico que permite uma leitura não sequencial, semelhante à flexibilidade da leitura e do raciocínio humano”.

Reportando-se à natureza do hipertexto, é possível afirmar que a ausência de uma linearidade quando de seu acesso pelos usuários da rede configura-se a característica principal, em meio a outras. A própria noção de rede depende dessa constituição apresentada pelo hipertexto, em virtude do estabelecimento de vínculos entre inúmeros recursos, de diversas modalidades.

Há ainda outros aspectos pertinentes à identificação do hipertexto, todos inter-relacionados com a não linearidade. A propriedade volatilidade, pelo fato de se inserir na virtualidade, torna o hipertexto fluido, sem estabilidade, de maneira que o acesso é imprevisível e efêmero. A topografia diz respeito à organização da estrutura de leitura, a qual não é hierárquica ou tópica, desse modo, ocorre sem os entraves



delimitadores do texto físico. No caso da fragmentariedade, devido à possibilidade, senão incentivo, de acessar variados *links* em um pequeno espaço de tempo, há a constante interrupção na continuidade da leitura a que o usuário se propôs inicialmente a ensejar.

A acessibilidade ilimitada, como uma das propriedades do hipertexto, tem a ver com sua perspectiva hipermediática, já que os recursos digitais passíveis de serem acessados são inúmeros. Já com relação à multimediosidade, aponta-se a possibilidade de integração entre linguagens verbais e não verbais, a exemplo da visual, virtual e cinematográfica. A interatividade, por sua vez, refere-se ao estímulo ao acesso a fontes de informação variadas, tais como enciclopédias, obras científicas e literárias, museus. Por fim, a iteratividade diz respeito à intertextualidade presente nos hiperdocumentos em forma de notas, citações etc (LIMA, 2006).

De um modo geral, a sequência no acesso é determinada por interesses pessoais do usuário no momento da conexão, havendo, assim, uma coerência, um propósito na escolha dos *links*. Ao estabelecer o acesso, cada usuário segue uma progressão através dos nós encontrados nos hipertextos, o que torna sua navegação única, diante da pluralidade de recursos com os quais se depara.

Campos, Souza e Campos (2003, p. 8) realizam uma comparação entre a escrita tradicional e a escrita eletrônica, ao apontarem que

“a escrita linear reproduz o pensamento em árvore, em dada hierarquia de ideias, e a escrita fragmentada, característica dos hiperdocumentos, reproduz o pensamento em uma rede de associações de ideias [...]”

No que Marchuschi (1999, p. 7) corrobora quando diz que “[...] o hipertexto constrói relações de vários tipos e permite caminhos que não são hierarquicamente condicionados [...]”.

Na conjuntura de uma nova ordem mundial impulsionada pela popularização no uso da internet, a *web* ocupa lugar de destaque ao trazer novas possibilidades de comunicação e conhecimento a pessoas presentes em todas as partes do mundo. Contemporaneamente, a *web* se encontra em seu segundo estágio, cujo desenvolvimento acrescenta inovações à *web* 1.0, que, de modo geral, é associada a

uma menor interação usuário-rede, comparando-se à relação estabelecida na fase atual.

Enquanto na *web* 1.0 havia baixa expectativa dos usuários no que concerne a trocas entre si bem como entre eles e os conteúdos digitais, em razão mesmo das restrições técnicas da época, na *web* 2.0, há uma naturalização acerca das relações interativas. Conhecida também como Web Social, justamente por causa de seu forte cunho interacional e colaborativo, a *web* 2.0 dispõe de diversos recursos por meio dos quais seus usuários podem criar vínculos e terem acesso a novas informações, de modo a subsidiar suas necessidades do momento, por exemplo, as científicas, as técnicas, as financeiras, as de entretenimento etc.

Para que essa realidade aconteça, no atual estágio da *web*, são continuamente desenvolvidos e disponibilizados aplicativos e *softwares* sociais e serviços *web* que estimulam a participação do usuário, ao habilitá-lo à criação e compartilhamento de conteúdos digitais, num universo composto de funcionalidades como *blogs*, fóruns, *wikis*, agregadores de *feeds* (RSS), redes sociais, *social bookmarks*, *folksonomias* etc.

Primo (2007, p. 1) chama a atenção para um aspecto fundamental dessa *web*, ao apontar que “a Web 2.0 tem repercussões sociais importantes, que potencializam processos de trabalho coletivo, de troca afetiva, de produção e circulação de informações, de construção social de conhecimento apoiada pela informática”.

Estando inexoravelmente atrelados à *web*, os sistemas que utilizam a *folksonomia* se valem das ações permitidas pela estrutura dos hipertextos e da diversidade de recursos, a fim de integrar à rede uma nova modalidade de classificação, representação e organização de conteúdos informacionais, concebendo diferentes caminhos na construção do conhecimento.

Segundo Barreto (2007, p. 2),

“no mundo digital, a escrita acêntrica abre uma nova conformação no relacionamento com o receptor e com o conhecimento. O texto entrelaçado com outras estruturas traz uma vinculação e um emaranhado de cadeias imprevisíveis sem uma qualificação hierárquica [...]”.

Se a essência dos documentos em si não se modificou, ou se alterou limitadamente, por outro lado, as práticas relativas à sua representação, como forma

de síntese, vêm demonstrando uma flexibilidade sensível. Em virtude da característica marcadamente fluida que a *web* imprimiu na esfera da produção e representação de conteúdos digitais, observa-se o surgimento contínuo de novidades, sendo identificadas na totalidade dos campos.

Ainda, elementos das linguagens dos seus usuários costumam ser renovados a todo instante, implicando a multiplicidade de expressões, gírias, jargões e termos novos que representam as transformações ocorridas no comportamento das pessoas e de grupos frente ao uso das tecnologias digitais de informação e comunicação em seu dia a dia.

Em face do exposto, ressalta-se que a folksonomia, por estar inserida na *web*, ambiente cuja maleabilidade se distancia de estruturas hierarquizadas e rígidas, é caracterizada como uma maneira de os usuários empreenderem a livre associação de pensamentos, ideias e entendimentos no momento da representação, para tanto, fazendo-se uso da linguagem natural.

Reconhecida como classificação social da informação, a folksonomia, neologismo cunhado a partir dos termos *folks* e *taxonomy*, refere-se ao poder dado às pessoas em geral para etiquetagem dos conteúdos *web*, sem que seja necessário recorrer a linguagens controladas, portanto, especializadas. Uma definição acerca de folksonomia é designada por Aquino (2007, p. 3-4):

Trata-se de um sistema de indexação de informações que permite a adição de tags (etiquetas) que descrevem o conteúdo dos documentos armazenados. Baseada na livre organização, a folksonomia traz um novo tipo de link, a tag, criada pelos próprios usuários da *web*, que assim, de forma coletiva representam, organizam e recuperam os dados na Rede.

Como sistemas pioneiros na folksonomia que oferecem a oportunidade de os usuários representarem os conteúdos neles encontrados, destacam-se os *sites* Delicious, Flickr, entre outros. Na sequência da iniciativa desses precursores, surgiram inúmeros sistemas, bastante diversificados entre si, pois dão conta de universos distintos, tais como o da ciência, o das artes, o do entretenimento.

Assim, na atualidade, há uma popularização na oportunidade de etiquetar conteúdos, o que se nota tanto em *sites* mais simples, como, por exemplo, em *blogs*



sem muita pretensão, quanto em *sites* desenvolvidos com a preocupação de serem sistemas nos quais a representação e a recuperação de conteúdos sejam reforçadas, garantindo a satisfação dos usuários.

Na esfera da folksonomia, os usuários possuem dois tipos especiais de motivação para o uso desses sistemas. A motivação individual se mostra recorrente quando se atribuem as *tags* como maneira de esquematizar os conteúdos, em uma organização bastante pessoal, prevendo a sua recuperação num momento posterior. Exemplo disso são os *bookmarks*, sistemas onde usuários podem adicionar *links* de sua preferência, inserindo-os em grupos por afinidades, como forma de organizá-los para recuperação.

Tal organização se dá por meio de *tags* específicas, as quais, muitas vezes, fazem sentido unicamente para quem as etiquetou, denotando forte teor pessoal. Nesse tipo de prática, visa-se somente a uma organização, sem que o compartilhamento seja considerado.

O segundo tipo principal de motivação tem a ver com a perspectiva colaborativa da informação. Daí a existência dos *social bookmarks*, como o Delicious, que estimulam o compartilhamento dos *sites* favoritos dos usuários, fazendo com que mais *links* sejam adicionados, já que novos interesses passam a ser despertados.

Nos estudos sobre a folksonomia, parte significativa dos pesquisadores costuma apontar, além de seus benefícios, os problemas que sua utilização pode acarretar em se tratando de representação e, especialmente, de recuperação de informações presentes na rede.

Relativamente às desvantagens, a maior crítica é concernente ao fato de que a folksonomia está sujeita à imprecisão na representação, conseqüentemente, na recuperação da informação. Isso acontece principalmente por causa do emprego, pelos usuários, da linguagem que praticam no seu cotidiano para se comunicar, a qual se mostra bastante plural, carregando em si várias facetas culturais (AMSTEL, 2007). Acerca da interdependência entre comunicação e linguagem natural, Dodebei (2002, p. 51) explicita:

A Língua Natural (LN) faz parte desse modelo comunicacional “aberto”, onde a mensagem varia conforme os códigos. Estes são postos em pauta conforme as ideologias e circunstâncias, e todo sistema de signos se reestrutura continuamente com base na experiência de decodificação que o

processo institui como *semiosi in progress*. O processo de comunicação se dá, portanto, quando o indivíduo reduz o que pensa e quer a um sistema de convenções comunicativas, ou seja, quando o que pensa e quer é socializado.

Portanto, ao não recorrer às linguagens controladas promove-se, na folksonomia, uma liberdade irrestrita que, em geral, provoca dispersão e recorrência de múltiplos sentidos para uma única informação, caracterizando-se polissemia e ambiguidade. Ao mesmo tempo em que é apontada como uma característica negativa, a ausência de um controle quando da representação configura-se uma de suas principais vantagens. Vale ressaltar o favorecimento à formação de comunidades em torno de assuntos de interesse como mais um desses benefícios (CATARINO e BATISTA, 2007).

Enquanto na organização e representação tradicional da informação há uma ênfase na análise dos conteúdos baseada na lógica e nas relações onde prevalece a ordem hierárquica entre classes, categorias, que os configuram, visando a uma formalização de conteúdos que possam traduzir com mais fidelidade e precisão a informação, na folksonomia, face à sua natureza indômita, as etapas de organização e representação da informação se mostram até então à parte dessas preocupações.

Durante a etiquetagem, os usuários que desejam representar os conteúdos com vistas a organizá-los e recuperá-los, como também compartilhá-los, inserem-se num sistema que se delinea a partir de “baixo para cima”. Como não poderia deixar de ser, pelo fato de a folksonomia se apresentar no ciberespaço, o sistema *bottom-up* incentiva a participação de todos os usuários que o desejarem, em uma diversidade de perfis.

Assim, há uma contraposição entre o sistema *top-down* característico das LD e o sistema *bottom-up*, do qual os *taggers* – quaisquer usuários que relacionem *tags* a conteúdos – fazem uso, na medida em que, neste último, o poder não recai apenas em alguns grupos que detêm o título de especialistas – cujo reconhecimento é institucionalizado – e sim em indivíduos comuns, detentores de conhecimentos que compõem a “sabedoria das multidões”.

Passarelli (2008) enfatiza essa compreensão ao trazer que



“o foco no usuário nasce juntamente com o modelo conceitual de Internet, que preconiza a comunicação de todos com todos, instaurando uma rede de comunicação horizontal em oposição à hierarquia vertical que rege as relações humanas em ambientes outros [...]”.

Por essa perspectiva, a folksonomia emerge como uma nova forma de organização da informação, acompanhado o curso dos acontecimentos, que, em seu modelo atual, encontram-se entremeados à virtualidade. Em outras palavras, diversos tipos de conhecimento estão disponíveis na rede, havendo, num fluxo incessante, uma constante atualização e acréscimo desses conhecimentos, dessa vez não somente por pessoas certificadas, mas também por quaisquer indivíduos, os quais contribuem, cada um à sua maneira, de acordo com seus saberes prévios.

Weinberger (2007, p. 102) encara a produção intensa de conteúdos desencadeados pela bagagem própria de milhões de pessoas como uma miscelânea e, fazendo menção ao conhecimento tradicional, salienta que

[...] as instituições cresceram para manter a estrutura conceitual do conhecimento. Sua capacidade de certificar especialistas e afiançar o conhecimento tornou-as poderosas e, às vezes, ricas. Portanto, quando a miscelânea abala nossa certeza quanto à natureza do conhecimento, coloca em jogo mais do que o futuro das fichas catalográficas.

Em um tipo de experiência como a da folksonomia a autoridade, no que diz respeito à representação e organização de conteúdos informacionais, é transferida a quaisquer indivíduos, os quais promovem a construção de uma inteligência coletiva. Dentro dessa coletividade, cada partícipe possui experiências, conhecimentos e entendimentos particulares, que vão sendo acrescentados à *web*, conformando-se, assim, um ambiente ímpar, onde se encontram múltiplos grupos, cujos membros são possuidores de conhecimentos específicos.

Embora nas LD, muitas vezes, a neutralidade na representação seja propalada como um de seus atributos, sua evidência mostra-se discutível, posto que é incontestável a possibilidade de determinadas ideologias virem a ser inseridas, uma vez que essas linguagens são construídas por pessoas, carregadas de valores e de subjetividade.



No caso da folksonomia, a subjetividade desempenha papel preponderante, sendo até mesmo estimulada, pois, nesses sistemas, a variedade na escolha das *tags* potencializa a representação dos conteúdos. Conforme Weinberger (2007, p. 102, grifo do autor), “as coisas têm seus respectivos *lugares*, não um único lugar. Chegamos a um ponto em que podemos criar nossas próprias categorias, de acordo com nossa forma de pensar”.

A expressão *context is king* traz uma perspectiva bastante apropriada das práticas da folksonomia, já que elas se voltam para uma abordagem holística do conhecimento, cuja natureza é multifacetada. Os indivíduos, como seres plurais, têm ânsia de compartilhamento de suas experiências, seus pontos de vista, suas especificidades. Essas características, embora individuais, são suscetíveis de pertencerem a grupos, em razão das semelhanças apresentadas pelos demais membros, os quais vão formando redes de relacionamento a partir de afinidades.

A configuração da *web 2.0* torna o ambiente dos sistemas que se utilizam da folksonomia propício a que os usuários atribuam diversas etiquetas a um mesmo conteúdo, porque, em geral, não existe limite para essa ação, de modo que somente se admita a etiquetagem com poucos marcadores a cada conteúdo. Diante desse cenário, constata-se a presença de inúmeras *tags* indicando o mesmo conteúdo, de tal forma que sua representação se mostre mais rica, do ponto de vista da complexidade que uma única informação apresenta, ao passo que pode ser entendida como constituinte de diferentes contextos.

Nesse sentido, a representação de determinado recurso se amplia, ainda que recaiam críticas a esse respeito, na medida em que, posteriormente, a recuperação encontre-se comprometida em função da dispersão causada pela falta de rigor quando da etiquetagem. Acerca desse aspecto, Nascimento e Neves (2009) destacam que

“apesar das limitações apresentadas, a folksonomia tem a capacidade de adaptar-se rapidamente a mudanças e necessidades do vocabulário do usuário. Não existe nenhum custo significativo para o usuário ou sistema adicionar novos termos à folksonomia”.

Na folksonomia as *tags*, como pontos de acesso, proporcionam uma quantidade incomensurável de ligações, numa infraestrutura de hipertextos que

conduz o usuário a diferentes perspectivas de uma mesma temática e a conteúdos completamente diversos mas que, de alguma maneira, os unem.

Em face dessa realidade, os *taggers* – usuários colaboradores – mostram-se mais propensos a reconhecer os objetivos comunicacionais de determinados conteúdos, pois seus conhecimentos especializados, suscitados pelas afinidades, na temática desses conteúdos lhes conferem maior propriedade no momento da representação. As particularidades inerentes aos usuários levam à segmentação dos conhecimentos, havendo a constituição de um número significativo de comunidades virtuais que agregam nichos de interesses.

A partir da constituição de subgrupos cujos membros possuem conhecimentos e gostos em comum, em um alto grau de especificidade, já que caminham para uma ênfase na especialização de seu objeto de interesse, é possível constatar a especialidade também presente no vocabulário empregado por essas comunidades. Assim, no momento da representação de conteúdos digitais referentes às temáticas de sua predileção, esses usuários atribuem *tags* que, para a maioria das pessoas, não trazem qualquer significação.

O aspecto contextual, portanto, é enfatizado nos processos de etiquetagem mediante as percepções individuais que determinado usuário apresenta sobre o conteúdo acessado. Suas motivações pessoais e de grupo têm influência na etiquetagem, em que pese a finalidade das ações empreendidas, seja unicamente a organização dos conteúdos, seja a representação de recursos informacionais como forma de colaborar com demais integrantes das comunidades de interesse e dos usuários em geral.

Sob essa perspectiva, reconhece-se a heterogeneidade existente no ambiente virtual, cujo grau de convergência de recursos digitais desencadeia uma hiperinformação. Essa quantidade exacerbada de informação vem provocando alterações em variados campos, a exemplo da organização da informação, com a folksonomia, sendo a informalidade na representação sua propriedade mais enfatizada.

#### 4 CONSIDERAÇÕES FINAIS



Na área da organização e representação tradicional da informação, tem se recorrido à construção de linguagens documentárias com o propósito de proceder a um maior controle na representação dos documentos. Para tanto, instituições voltadas para a finalidade de representação, organização e recuperação de documentos contratam especialistas que possam utilizar seus conhecimentos a fim de realizar um trabalho mais acurado nesse sentido.

À *expertise* desses profissionais, contrapõe-se a representação e organização da informação realizada por indivíduos comuns, que não têm necessariamente seus conhecimentos certificados por instituições. Nesse sentido, emerge a folksonomia, a qual permite o uso da linguagem natural dos usuários que acessam os sistemas que a incluem em seus processos, havendo assim uma liberdade na explicitação de conhecimentos prévios.

Ambos os modelos têm como intenção primeira a representação da informação para recuperá-la em seguida, embora nas estruturas tradicionais do saber empreguem-se vocabulários controlados com o intuito de localizar hierarquicamente os conhecimentos. Já a folksonomia, por estar associada a um ambiente maleável e plural, a *web*, onde o aspecto de entretenimento é particularmente sobressalente, torna-se um processo menos rígido nesse sentido, pois não é incomum o fato de os usuários etiquetarem as informações sem muita pretensão ou rigidez hierárquica.

Ainda que se considere a importância das LD, diante da relevância que elas continuam tendo na sociedade, em virtude de proverem instrumentos destinados a melhorar a qualidade da organização e representação da informação, em consequência, de sua recuperação, com vistas a atender a necessidades informacionais dos usuários de sistemas de informação em ambientes mais formais, seria um retrocesso deixar de reconhecer a emergência da folksonomia como um modelo a ser utilizado nos esforços de representação de conteúdos digitais, numa interface com o modelo tradicional.

A folksonomia suscita muitos questionamentos, em face das demandas imprevisíveis que usuários da *web* trazem a cada momento. A fim de levantar novas reflexões acerca desse fenômeno, sugere-se o aprofundamento dos estudos sobre a competência em informação ligada à folksonomia, ou *tagging literacy*, visando à



discussão a respeito da educação de usuários para que etiquetem os conteúdos com uma maior consciência de que contribuem para a recuperação da informação.

## REFERÊNCIAS

ALVARENGA, Lídia. Organização da informação nas bibliotecas digitais. In: NAVES, Madalena; KURAMOTO, Hélio (Org.). **Organização da informação: princípios e tendências**. Brasília: Briquet de Lemos, 2006. p. 76-98.

AMSTEL, Frederick van. **Folcsonomia: vocabulário descontralado, anarquitectura ou samba do crioulo doido?** 2007. Disponível em: <[http://usabilidoido.com.br/arquivos/folcsonomia\\_anarquitectura.pdf](http://usabilidoido.com.br/arquivos/folcsonomia_anarquitectura.pdf)>. Acesso em: 16 dez. 2011.

AQUINO, Maria Clara. Hipertexto 2.0, folksonomia e memória coletiva: um estudo das tags na organização da web. *Revista da Associação Nacional dos Programas de Pós-Graduação em Comunicação / E-Compós*, v. 18, n. 18, ago. 2007.

BARRETO, Aldo. Mitos e lendas da informação: o texto, o hipertexto e o conhecimento. **DataGramZero**, v. 8, n. 1, fev. 2007. Disponível em: <[http://www.datagramzero.org.br/fev07/Art\\_02.htm](http://www.datagramzero.org.br/fev07/Art_02.htm)>. Acesso em: 2 jan. 2012.

BRÄSCHER, Marisa; CARLAN, Elisa. Sistemas de organização do conhecimento: antigas e novas linguagens. In: ROBREDO, Jaime; BRÄSCHER, Marisa (Org.). **Passeios pelo bosque da informação: estudos sobre a representação e organização da informação e do conhecimento**. – EROIC. Brasília: EROIC, 2009. Disponível em: <<http://www.ibict.br/publicacoes/eroic.pdf>>. Acesso em: 16 dez. 2011.

CAMPOS, Maria Luiza; SOUZA, Rosali; CAMPOS, Maria Luiza. Organização de unidades de conhecimento em hiperdocumentos: o modelo conceitual como espaço comunicacional para a realização da autoria. **Ci. Inf.**, Brasília, v. 32, n. 2, p. 7-16, maio/ago. 2003. Disponível em: <[www.scielo.br/pdf/ci/v32n2/17029.pdf](http://www.scielo.br/pdf/ci/v32n2/17029.pdf)>. Acesso em: 2 jan. 2012.

CASTELLS, Manuel. **A sociedade em rede**. Tradução de Roneide Venancio Majer.

11. ed. São Paulo: Paz e Terra, 1999. (A era da informação: economia, sociedade e cultura, v. 1).

CASTELLS, Manuel. **A galáxia internet: reflexões sobre internet, negócios e sociedade**. Tradução de Rita Espanha. Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian, 2001.

CATARINO, Maria Elisabete; BAPTISTA, Alice. Folksonomia: um novo conceito para a organização dos recursos digitais na Web. **DataGramZero**, v. 8, n. 3, jun. 2007. Disponível em: <[http://www.dgz.org.br/jun07/Art\\_04.htm](http://www.dgz.org.br/jun07/Art_04.htm)>. Acesso em: 16 dez. 2011.

CINTRA, Ana Maria et al. **Para entender as linguagens documentárias**. 2. ed. rev. e ampl. São Paulo: Polis, 2002.

DIAS, Eduardo; NAVES, Madalena. **Análise de assunto**. Brasília: Thesaurus, 2007. (Estudos Avançados em Ciência da Informação, 3).

DODEBEI, Vera. **Tesauro: linguagem de representação da memória documentária**. Niterói: Intertexto; Rio de Janeiro: Interciência, 2002.

KOBASHI, Nair. A organização e a transferência de informações documentárias: problemas e perspectivas. In: ORGANIZAÇÃO do conhecimento e sistemas de classificação. Brasília: IBICT, 1996.

LE COADIC, Yves-François. **A ciência da informação**. Tradução de Maria Yêda F. S. da Filgueira Gomes. Brasília: Briquet de Lemos, 2004.

LIMA, Gercina. Organização da informação para sistemas de hipertextos. In: NAVES, Madalena; KURAMOTO, Hélio (Org.). **Organização da informação: princípios e tendências**. Brasília: Briquet de Lemos, 2006. p. 99-116.

LÉVY, Pierre. **As tecnologias da inteligência: o futuro do pensamento na era da informática**. Tradução de Carlos Irineu da Costa. São Paulo: Editora 34, 1999. (Coleção TRANS).

MARCHUSCHI, Luiz. **Linearização, cognição e referência: o desafio do hipertexto**. 1999. Disponível em: <[www.pucsp.br/~fontes/ln2sem2006/17Marcus.pdf](http://www.pucsp.br/~fontes/ln2sem2006/17Marcus.pdf)>. Acesso em: 2 jan. 2012.

MOURA, Maria. Folksonomias, redes sociais e a formação para o tagging literacy: desafios para a organização da informação em ambientes colaborativos virtuais. **Inf. Inf.**, Londrina, v. 14, n. esp., p. 25-45, 2009. Disponível em: <[www.uel.br/revistas/uel/index.php/informacao/article/view/2196](http://www.uel.br/revistas/uel/index.php/informacao/article/view/2196)>. Acesso em: 16 dez. 2011.

PASSARELLI, Brasilina. Do Mundaneum à Web Semântica: discussão sobre a revolução nos conceitos de autor e autoridade das fontes de informação. **DataGramZero**, v. 9, n. 5, out. 2008. Disponível em: <[www.dgz.org.br/out08/Art\\_04.htm](http://www.dgz.org.br/out08/Art_04.htm)>. Acesso em: 16 dez. 2011.

NASCIMENTO, Geysa; NEVES, Dulce. **Folksonomia como estratégia de indexação dos bibliotecários no del.icio.us**. 2009. Disponível em: <<http://dci2.ccsa.ufpb.br:8080/jspui/handle/123456789/483>>. Acesso em: 2 jan. 2012.

PRIMO, Alex. O aspecto relacional das interações na Web 2.0. **E-Compós**, Brasília, v. 9, p. 1-21, 2007. Disponível em: <[www6.ufrgs.br/limc/PDFs/web2.pdf](http://www6.ufrgs.br/limc/PDFs/web2.pdf)>. Acesso em: 2 jan. 2012.

WEINBERGER, David. **A nova desordem digital: os novos princípios que estão reinventando os negócios, a educação, a política, a ciência e a cultura**. Tradução de Alessandra Mussi Araújo. Rio de Janeiro: Elsevier, 2007.

### **Como citar este artigo:**

SANTANA, Glessa Heryka Celestino de. A folksonomia como modelo emergente da representação e organização da informação. **Rev. digit. bibliotecon. cienc. inf.**, Campinas, SP, v.11, n.3, p.72-92, ago/nov. 2013. ISSN 1678-765X. Disponível em: <<http://www.sbu.unicamp.br/seer/ojs/index.php/rbci>>